Literaturas marginais periféricas dentro da aula de literatura: perspectivas, abordagens e caminhos

Anderson Rafael de Araújo Xavier

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raíra Costa Maia de Vasconcelos

RESUMO: Embora seja algo prescrito pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a presença das literaturas que habitam as margens do eixo canônico ainda é algo raro de se presenciar na sala de aula. A aula de literatura, por vezes, ainda se encontra engessada e presa unicamente nas raízes históricas da literatura canônica, sem observar a sua dinâmica viva e atual. O presente trabalho pretende atualizar essa discussão ao ressaltar a importância da presença de literaturas marginais, pretas, periféricas dentro da aula de literatura, observando a sua potência poética e reflexiva, assim como sua força motriz capaz de destruir estigmas sobre este meio social, a fim de que estes lugares possam ser vistos com criticidade, afeto e resistência. Amparado pelos estudos de Spivak (1942), Heloísa Buarque de Hollanda (1984), Antonio Cândido (2004) e na observância de vozes dessa literatura como Férrez (2002;2005) e André Medulla (2019), pretende-se a abertura de caminhos e encruzilhadas de possibilidades de abordagens desses textos em sala de aula, pensando no processo de humanização de seus autores, da sua literatura e os públicos a quais ela se destina.

Palavras-chave: literatura marginal; sala de aula; poética; literatura periférica.

ABSTRACT: Although it is something prescribed by the National Common Curricular Base (BNCC), the presence of literatures that inhabit the margins of the canonical axis is still something rare to witness in the classroom. The literature class, sometimes, is still plastered and trapped solely in the historical roots of canonical literature, without observing its living and current dynamics. The present work intends to update this discussion by emphasizing the importance of the presence of marginal, black, peripheral literature within the literature class, observing its poetic and reflective power, as well as its driving force capable of destroying stigmas about this social environment, aiming to these places can be seen with criticality, affection and resistance. Supported by the studies of Spivak (1942), Heloísa Buarque de Hollanda (1984), Antonio Cândido (2004) and the observance of voices from this literature such as Férrez (2002;2005) and André Medulla (2019), it is intended to open paths and crossroads of possibilities for approaches of these texts in the classroom, thinking about the process of humanization of its authors, its literature and the audiences it is intended for.

Keywords: marginal literature; classroom; poetic; peripheral literature.

1. Para começo de conversa

Quase um terço da população brasileira vive em periferias urbanas. Os dados de 2014, apontados pela Serasa Experian, responsável pelo maior banco de dados da América Latina, apontam que 29% do território brasileiro é ocupado por periferias, sendo estas bem diversas entre si. Esse cenário corresponde a uma realidade que atinge a dimensão pedagógica de diversas formas: desde a atuação direta nas escolas desse território até a inserção dessa realidade nos estudos literários escolares. Diante deste cenário, a presente pesquisa científica denota que há uma urgência em mudar os paradigmas do ensino de literatura. Este caminho se dá por meio da atualização da mesma, possibilitando acessos e aproximações entre as diversas formas de literatura presentes no nosso território (para além daquelas canonicamente já estabelecidas), entre elas estando as manifestações literárias que emergem da periferia. O trabalho pretende expandir as linhas de atuações pedagógicas ao propor e estabelecer caminhos possíveis de inserção das literaturas marginais contemporâneas dentro das aulas de literatura.

As poéticas que brotam da periferia possuem tons dos mais diversos, assim como a natureza do território de onde ela ascende. Analisando a pesquisa citada anteriormente, Fernando Rosolem (2014), afirma que “a periferia é bem heterogênea. Você não consegue colocar em caixinhas. A periferia jovem é a mais numerosa”. Essa pluralidade no território se une à diversidade presente nessas novas literaturas marginais provenientes dele, apresentando uma poética vasta em abordagens, tal qual os cidadãos que versam sobre elas. Ora, a união entre a pesquisa demográfica do Serasa Experian e a verificação da abundância literária que provém da periferia nos leva a concluir que as juventudes destes espaços não apenas ocupam, como produzem artisticamente sobre ele.

Faz-se necessário explorar essa riqueza literária como potência artística, humana e social dentro da sala de aula. Portanto, a presente pesquisa propõe caminhos pedagógicos e de análise para essa exploração em sala de aula, pensando no reconhecimento acadêmico que esta nova literatura marginal carece, e abraçando todas as possibilidades de transformação de olhares que ele abrange em si. Por sua veia social bem demarcada, não podemos deixar de olhar para o lugar de subalternidade que Spivak (1942) destaca que essa literatura ainda possui, mesmo

tendo dimensões importantes de apreciação, como afirma Heloísa Buarque de Hollanda (1984). O que se pretende não é fixar caminhos, ou determiná-los previamente. Antes, o que se deseja a partir dessa proposta é a abertura de encruzilhadas de possibilidades que pode ser potencializada de acordo com a sensibilidade e a criatividade de cada docente, que carecem de material didático para essas abordagens ou até mesmo não tiveram a formação adequada para tratar de tais discussões em sala de aula.

2. A nova literatura marginal

O termo "marginal", na trajetória artístico-histórica da literatura, foi usado pela primeira vez para designar um movimento bastante peculiar que surgiu na década de 1970. Ainda inseridos no contexto da ditadura militar, alguns escritores resolveram burlar os métodos convencionais de fazer e divulgar a sua arte, alçando estratégias fora do circuito editorial consolidado. Trazendo a banalidade do dia-a-dia, misturada com reflexões poéticas, influências orientais e da informalidade, os primeiros escritores intitulados dessa maneira embarcaram em circuitos alternativos de produção, articulação e circulação de seus textos. A poesia dessa época rompeu o engessamento dos livros para ganhar as ruas em grafites, jornais, publicações independentes, que alcançaram públicos e espaços variados.

Os poetas deste primeiro movimento se autointitularam como “poetas marginais”, por estarem à margem dos grandes movimentos literários da época (Pereira, 1981), tendo como princípio a subversão ao autoritarismo da ditadura militar, às políticas culturais elitistas promovidas por empresas privadas e aos padrões de qualidade vigentes no cenário literário da época. Os textos circulavam em cópias mimeografadas jogadas de edifícios, postas em varais, distribuídas de mão em mão, rompendo com os ditames editoriais. Alguns nomes ganharam notoriedade no movimento, estando presentes em livros didáticos que registraram esse momento, tais como Chacal, Ana Cristina César, Ledusha, Pedro Lage e Paulo Leminski.

O tom dessa poética possuía uma ironia aguçada, recorrendo à rotina e às dinâmicas diárias da classe média para construir a sua poesia. O uso da linguagem

coloquial, a utilização de palavrões e gírias criaram um cenário no qual a informalidade protagoniza esta poética, temperada com reflexões sobre a vida, a sociedade, o amor, assim como a maneira desses poetas de fazerem sua literatura. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda (1984, p.108), numa linguagem carregada pelas experiências imediatas de suas vidas, esses poetas inauguram uma forma nova de participação dos autores com suas obras que vão desde a criação, produção e circulação, estabelecendo o movimento na história literária brasileira de maneira bem singular.

Se, por um lado, na década de 70 vemos esses poetas assumindo uma marginalidade baseada em suas transgressões com os movimentos artísticos hegemônicos e as formas convencionais de publicação e divulgação de suas obras, um novo tipo de marginalidade entra em cena na contemporaneidade. Os novos poetas marginais, diferentemente dos primeiros que utilizaram esta denominação, inauguram uma ideia de marginalidade muito mais ligada ao aspecto social dos autores do que o primeiro movimento, bebendo de algumas características destes, apoiando-se em seu legado para também difundir sua poética que busca transgredir as cadeias de injustiça, opressão e invisibilidade.

De certa forma, pode ser afirmado que houve uma ampliação do termo “marginal” por estes novos autores da marginalidade. Assim como os primeiros, estes também se apoiam na subversão aos movimentos hegemônicos da literatura e sua forma convencional de produzir e difundir as suas obras. Todavia, um novo fator é adicionado a esta poética. Não como um mero acessório, mas como parte essencial dela: a vivência empírica na marginalidade social, não apenas literária. Segundo o escritor Férrez (2001), principal nome desta nova literatura enquanto movimento articulado, a nova literatura marginal é composta por *excluídos sociais*, pessoas da *periferia/favela/gueto* e minorias que fazem perto de um limbo social que engloba a esfera artística dessa população. Até então, no primeiro movimento marginal, apesar de seu elemento subversivo, as principais figuras que protagonizavam esta literatura inicial eram pessoas brancas, de classe média alta. Agora, a cor muda e a classe social também: a negritude e a periferia entram com destaque nessas novas produções, nas quais vivência social e articulação poética são indissociáveis.

O marco inaugural do termo “marginal” ressignificado a esta nova identidade – referente a nova literatura marginal, como chama o pesquisador Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (2013, p.64) – entra em evidência enquanto nova classificação através do escritor Ferréz e a publicação da revista *Caros amigos*. Publicada em 2001, a edição trouxe em seu prefácio aquilo que seria o primeiro registro formal dos princípios e caracterizações da nova literatura marginal. Nas primeiras linhas, o autor acessa à memória histórica da formação do país, lembrando eventos violentos para atualizações modernas:

Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando nossos antepassados índios, e ao contrário dos senhores das casas-grandes que escravizaram nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado mas não derrotado. Uma coisa é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte. (FÉRREZ, 2001)

Sem citar algum conceito pronto, Ferréz (2001) abre a discussão sobre as novas formas de colonização presente nas nossas relações de classe, atentando para a observação de que esconder ou ignorar a arte desta nova literatura marginal, feita por pessoas da periferia, também é uma forma de violência amparada em tantas outras que aconteceram na história, uma forma aguda de silenciamento e reforço de opressões históricas. Num país onde figuras sanguinárias ainda nomeiam praças, ruas e hospitais, onde a escravidão ainda estende suas heranças na nossa sociedade, a tentativa será a mesma utilizada pelo pensamento dominante e elitista que ignora este tipo de manifestação literária: a invalidação da arte deste povo, o julgamento pelo modo que utilizam a sua língua, o apagamento na história e na atualidade de toda produção artística provenientes destes lugares periféricos.

O fato dessa nova literatura marginal, diferente do movimento da década de 70, ser integrada por pessoas da classe mais baixa, com ampla participação de autores pretos, traz para este novo movimento um rosto diferente e singular frente aos primeiros poetas marginais. Estes novos não se isentam das problemáticas sociais e trazem na sua vivência alguma delas, seja a violência urbana, as dificuldades geradas pela tecitura social, problematizando estruturas do âmbito financeiro ao racial, sempre se colocando como o sujeito que experiencia ou observa essas situações de um lugar muito próximo, tomando a vivência como testemunha.

De certo modo, sabemos que essa poética é real, mesmo num ambiente ficcionado. Esse ambiente no qual os limites entre o mundo real e o mundo da ficção se dissolvem e abraçam uma parte particular da população em *identificação*, remete ao conceito de *escrevivência*, postulado pela escritora e pesquisadora Conceição Evaristo (1995). A primeira vez em que foi utilizado, o termo cunhado por Evaristo foi inaugurado no *Seminário Mulher e Literatura* e promovia uma junção entre “escrever” e “viver”, referindo-se ao processo criativo em que narra sobre as suas vivências enquanto mulher preta, que, por sua vez, abraça uma coletividade por meio da identificação da experiência de carregar essas características dentro da sociedade brasileira.

O principal elemento desta poética é o olhar desse sujeito: frente a si, suas experiências e o meio em que vive, observando este último como um lugar permeado de mazelas sociais e esquecimento. Esses sujeitos falam de seus lugares sociais sobre os mais diversos atravessamentos. São pessoas que realizam a equação de versar sobre si e conseguir a identificação de vivências de uma grande maioria que por condições semelhantes também se veem nessas letras. Segundo Ferréz (2005), as definições dessa nova literatura atravessam o fato dela ser:

Literatura de rua com sentido, sim, com um princípio, sim, com um ideal, sim, trazer melhorias para o povo que constrói esse país, mas não recebe sua parte. [...] mostramos as várias faces da caneta que se faz presente na favela, e pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro [...]. Ela é honrada, ela é autêntica e nem por morarmos perto do lixo fazemos parte dele, merecemos o melhor, pois já sofremos demais. (FERRÉZ, 2005, p. 10-12)

O trecho remete a uma literatura com forte apelo social, *engajada* em denunciar as injustiças que acontecem dentro da sociedade ou a versão das pessoas que já nasceram nas classes *de baixo* no sistema capitalista, observando a capacidade desses autores de refletirem e gritarem com suas próprias vozes. Como Ferréz (2005) destaca, são vozes marcadas pela dor, mas que não perdem a sua subjetividade, o *refinamento* estético em suas produções e a sensibilidade diante de uma realidade brutal.

Não pode deixar de ser destacado o tom de revolta que ecoa nessa literatura, ao mesmo tempo em que pode abrir espaço também para a banalidade: o humor presente no cotidiano, os amores vivenciados e outros caminhos de fuga dessa temática. Falar dessa nova literatura marginal é definir sem fechar o cerco, afinal, ao

tratar de sua poética, ainda estamos falando de sujeitos unidos por uma realidade e plurais em suas significações sobre a mesma.

Evidentemente que antes de ser assim nomeada, esta literatura já existia e emprestava a sua voz poética para muitas questões vivenciadas na periferia. Pensando nisso, o escritor marginal Férrez (2001) reuniu vários textos de outros poetas marginais e antecede esses escritos com um manifesto contendo a alma deste novo movimento. Em linhas gerais, Férrez traça os princípios e a estética que norteiam esta nova forma de fazer literatura:

A própria linguagem margeando e não os da margem, marginalizando e não os marginalizados, rocha na areia do capitalismo. O sonho não é seguir o padrão, não é ser o empregado que virou o patrão, não isso, não. Aqui ninguém quer humilhar, pagar migalhas nem pensar, nós sabemos a dor por recebê-las. (2001, p.2)

O tom do escritor, principalmente nas linhas finais, anuncia uma emancipação do olhar estigmatizado sobre esta literatura, tomando a mesma como orgulho e resistência política. Ao afirmar que não quer seguir o padrão, Férrez (2001) evidencia, ainda que indiretamente, que esta literatura deve ser vista e analisada segundo os seus próprios moldes, atentando-se para as suas singularidades.

O pesquisador Fernando Eslava (2004) ressalta sobre a importância de ver este fenômeno de acordo com as suas particularidades, estabelecendo parâmetros críticos que consigam abordar toda a dimensão desta literatura que nasce do encontro o real e o literário, deixando de lado os resquícios de matizes universalistas ou canônicos que possam tornar a abordagem simplista. Segundo ele, esta nova literatura carrega em si “a vontade documental, a força do testemunho e a ficcionalização das próprias experiências vividas pelos autores marginais” (p.36).

A apreciação desta literatura passa pelo conhecimento de que os fatores listados são constituintes de sua natureza, pois nela os autores documentam sobre uma determinada realidade, de modo que a linha entre a ficção e a experiência real se torne extremamente tênue, remetendo ao conceito de *escrivivência* (Evaristo, 2009). Logo, acessar esses textos é também acessar uma dimensão da realidade que acontece com sujeitos marcados *socialmente*, seja por sua raça ou pelo lugar onde vivem; este último, por sinal, tornou-se protagonista desta poética: a periferia.

Nas linhas de manifesto de abertura da revista *Caros amigos* (2001), Férrez aborda essas questões ao ressaltar o que define este tipo de manifestação literária:

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja os de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história. (p. 4)

Influenciada pelo movimento pioneiro de marginalidade, a geração da década de 70, esta nova literatura marginal herdou destes primeiros a força da oralidade e suas influências nessa poética, estando ela agora posta de maneira mais acentuada com uma linguagem que é própria dos meios urbanos brasileiros: gírias, expressões de nicho e palavrões. Estes últimos, por sua vez, são utilizados como expressões de revolta e esgotamento de lapidação frente a uma realidade tão cheia de injustiças. Embora os palavrões também fossem parte da primeira geração de poetas marginais, além dos usos convencionais, eles podem ganhar uma conotação específica como expressão última de revolta.

Dentro das particularidades de sua linguagem também está inserida a influência do *hip hop* e do *rap*, que também se utiliza de gírias, aspectos da oralidade e a reflexão crítica e realista sobre a sua realidade local. Além disso, a linguagem coloquial e fluída destas outras expressões não-hegemônicas também se fará presente nesta poética da marginalidade que abriga em si tanto textos em prosa, como o livro *Capão pecado* (2005), e textos em versos, como os que serão vistos posteriormente no corpo do texto.

3. O espaço social da literatura marginal periférica

As reflexões sobre a nova literatura marginal e seus aspectos nos trouxeram para os estudos de Spivak (1942), que lança seu olhar para o lugar da subalternidade dentro de uma sociedade dividida em suas classes e privilégios. A literatura, por sua vez, não foge dessas dinâmicas presentes na estrutura social, já que ainda sobrevive a ideia de que existe uma literatura mais alta, em detrimento de

outras provenientes de determinados lugares sociais. A luta de classe também está presente num espaço no qual expressões literárias provenientes da elite recebem um maior prestígio social, enquanto as literaturas que nascem da periferia sofrem invisibilidade e estigmatização.

Por ser uma expressão periférica, a literatura marginal é relegada a esse lugar de subalternidade que Spivak (1942) irá classificar como aquilo que se “desvia de um ideal” (p. 59), não por ser menor em seu valor ou significado ou qualquer outro juízo de valor de sua natureza literária. A subalternidade lhe é conferida por ser definido como “uma diferença da elite” (*ibidem*, p. 59), carregando traços temáticos, estruturais e lexicais que fogem das características dos padrões canônicos, os mesmos apreciados com eloquência pela elite e os acadêmicos. A literatura realizada por sujeitos periféricos ocupa esse lugar de subalternidade, em níveis que vão desde a dificuldade editorial até a sua ausência no âmbito escolar. Em suma, os juízos sociais sobre essas manifestações literárias lhe são bem mais determinantes na sua classificação do que os atributos próprios de sua poética.

Esses lugares de subalternidade, aqui colocados teoricamente por meio de Spivak (1942) e Ferréz, são reais, empíricos e estão espalhados por todos os lugares desse país. A periferia, ambiente formado em sua maioria pela população negra segundo a pesquisa do Instituto Locomotiva (2021), ainda é vítima de um processo de estigmatização que envolve todos os seus âmbitos e recai também em cima dos seus moradores. Tendo muitas vezes o acesso negado a educação de qualidade, saúde digna e saneamento, esses espaços têm por vezes o seu processo de humanização roubado a ponto do silêncio ser a movimentação esperada e exigida. Diante disso, o questionamento de Spivak (1942) se atualiza: pode o subalterno falar? A resposta pode ser dada por Ferréz na publicação do manifesto, onde ele cita o escritor João Antônio, em seu livro *Abraçado ao meu rancor*, que ironiza sobre essa possibilidade de fala desses sujeitos ditos subalternos:

Evitem certos tipos, certos ambientes. Evitem a fala do povo, que vocês nem sabem onde mora e como. Não reportem o povo, que ele fede. Não contem vidas, paixões violentas. Não se metam com o restolho que vocês não vêem humanidade ali. Que vocês não percebem vida ali. E vocês não sabem escrever essas coisas. Não podem sentir certas emoções, como o ouvido humano não percebe ultra-sons. (2001, p. 2)

As palavras de João Antônio evidenciam com maestria o lugar em que a periferia é relegada no imaginário das pessoas, a desumanização, evidenciado que a ordem é essa: “Evitem a fala do povo, que vocês nem sabem onde mora e como” (FÉRREZ, 2002, p.2). Apenas esse trecho já denuncia o fato de que não apenas a subalternidade não tem o direito à fala, como muitas de suas questões e vivências são desconhecidas por parte da sociedade. E quem melhor do que os próprios sujeitos desse lugar para falar sobre seu território, suas questões e subjetividades, sobre a rede de pessoas que o cercam e formam esse território? O uso de Ferréz dessa citação é apenas a fundamentação para o que é posto no seu texto, que manifesta a verdade de que não apenas essa subalternidade pode e deve falar, como ela já fala constantemente por meio de suas produções artísticas.

A literatura marginal é, portanto, a expressão dessas vozes de sujeitos silenciados, que aprenderam na sua realidade a criarem uma poética própria, tão peculiar quanto vasta em atributos. São sujeitos plurais que possuem um olhar crítico sobre o seu território, porém sem perder a afetividade por eles. Suas vozes ecoam na informalidade, longe ainda das grandes editoras, apoiando-se nas redes sociais, zines, editoras *cartoneras* e independentes, recursos alternativos para se chegar ao grande público. Apesar da sua circulação, ainda há uma ausência latente dessas expressões literárias na sala de aula, mesmo em escolas de periferia.

É necessário que aconteça esse movimento de inserção da literatura marginal no âmbito escolar, sendo este também um dos mais fortes apelos dessa produção científica. Isto pode ser considerado um ato emancipatório e que segundo Foucault (1965), tem consideráveis implicações:

Tornar visível o que não é visto pode também significar uma mudança de nível, dirigindo-se a uma camada de material, que, até então, não tinha tido pertinência alguma para a história e que não havia sido reconhecida como tendo qualquer valor, moral ou estético. (p. 49)

O conhecimento e reconhecimento, segundo Foucault (1965), dessas vozes que não podem ser mais silenciadas, passa pela presença desta nova literatura marginal em sala de aula. Ouvi-las é acessar um lugar histórico do nosso país, já

que o povo periférico e preto contribui, também, para a história e a cultura brasileira. Ler essa poesia é saber a versão dos desvalidos sobre um outro lado da realidade que outras vozes não contam, e que podem suscitar a subjetividade de estudantes que vivem nesses ambientes, servindo também para pessoas que deveriam olhar para as temáticas sociais de maneira mais crítica. Essa pertinência histórica é afirmada por Foucault (1965) e entranha-se nas discussões levantadas por Antonio Candido (2004, p. 17) quando escreve no seu ensaio *O direito à literatura* que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. Segundo ele, não há povo ou homem que possa viver sem ela. Logo, tornar essa literatura como objeto de estudo na sala de aula é reparar alguns dos males que a história relegou, é evidenciar uma parte enorme da nossa população que ainda não foi evidenciada pelos aparelhos do Estado.

A presença da literatura marginal é o reconhecimento dessas manifestações periféricas que possui valor estético, simbólico, político e que pode desvelar um novo mundo dentro do mesmo já visualizado e escancarado. Além do conhecimento e apreciação de uma literatura que pode ser próxima a alguns estudantes, os periféricos especificamente, é através desses olhares marginais que pode ser construído um olhar que enxergue a subalternidade como potência, despertando ações de resistência.

Que ambiente mais propício para romper com essa invisibilidade que a escola por seu caráter plural e democrático? Não apenas falar sobre as problemáticas que envolvem esses sujeitos – quantos poetas clássicos já não denunciaram o que é viver num lugar esquecido? – é preciso que haja um movimento mais eficaz, efetivo e que ocasione um impacto social. O movimento necessário a ser feito é que esses sujeitos falem por si, pois como afirma Spivak (1942): “os oprimidos podem saber e devem falar de si mesmos” (p. 44). Os efeitos da ação dessa magnitude é o que pontuou Foucault (1965), sendo este também o objetivo deste trabalho: o reconhecimento do valor estético, político e simbólico desta nova forma de literatura.

Assim como nos estudos de Spivak (1942), Férrez (2001) também traz um conceito para tratar sobre a literatura marginal que se interliga com processos de dominação: “imperialismo” e “colonizados”, respectivamente. São termos que falam sobre um processo histórico que até hoje coloca as suas garras sobre as relações sociais, “contaminando” também a literatura, elegendo aquela que é de prestígio e

aquela que é subjugada, de acordo com os ditames da elite. A literatura que habita a margem da sociedade é rica em sua expressão, força simbólica e poética, denunciando a forma como esses poetas enxergam o seu lugar, o funcionamento da sociedade para muitos, podendo ser um recurso de extrema importância para o ensino de literatura. Através dessas palavras, o estudante pode ter uma consciência mais crítica da sua realidade, sem vistas grossas às calamidades que assombrem o seu território, todavia sem perder por ele o afeto.

Pensando especificamente num contexto de uma escola periférica, as vozes poéticas desses oprimidos entrando na sala de aula podem, segundo Spivak (1942, p. 44), reintroduzir no sujeito periférico dimensões que estão presentes nele e que, todavia, são postas em esquecimentos diante da maneira como a sociedade foi e continua sendo construída para eles. A primeira dimensão que a autora traz é do desejo, de que esses estudantes de escolas periféricas podem e devem desejar para si, para o seu lugar e para os seus, os sonhos mais bonitos que partirem de sua individualidade. Em contínuo, entra a dimensão que vê como possível a concretização desse desejo, onde o sujeito se ver fortalecido, apesar das circunstâncias, para mobilizar algum tipo de mudança em favor de suas aspirações: o sujeito de poder.

De modo específico, a presença da literatura marginal dentro da sala de aula é uma emergência que provocará a mudança de paradigma que primeiro atingirá o estudante: nesses poetas ele pode ser visto, inspirado e convidado à uma formação crítica que pode mudar a forma que ele é visto por si no mundo, a partir de onde ele enxerga o cenário de suas vivências, o lugar onde ele habita e construiu memórias dos mais variados tipos: os seus territórios. Afinal, como afirmou Perrenoud (1993): “Como ensinar uma sociedade que tem vergonha de si?” (p. 143). É preciso que essa ressignificação desses sujeitos, enquanto cidadãos e protagonistas de seus territórios, seja transformado em atos de resistência para que a competência e a cidadania surjam como possibilidade de uma nova realidade a ser exercida.

De forma geral, a presença desta literatura promove um olhar humanizador sobre estes territórios, fazendo com que ele seja explorado com sensibilidade e consciência crítica. Humanizar, para Antonio Cândido (2004), é o principal ofício no qual a literatura deve se ocupar (p.193), sendo este princípio também o principal objetivo que se almeja com essa abordagem da nova literatura marginal, que

reivindica o seu espaço na sala de aula e dentro dos mais variados campos da sociedade, visando a apreciação de toda a sua potência.

4. Abrindo as encruzilhadas de possibilidades

Trazer a literatura marginal periférica para dentro da sala de aula é um caminho diverso, que possibilita várias abordagens. Os caminhos pedagógicos tratados aqui não são únicos, estanques. São exemplos que podem servir de acordo com o olhar do professor, a singularidade da turma e outras variantes. Todos esses esbarram em um único sentido: a beleza estética e a força presentes nessas poéticas.

Para entrar nessa abordagem, a escolha metodológica foi o trato desses poemas por meio de um eixo temático, conforme pontua Segabinazi (2011, p. 64). Tomando sempre o texto literário como protagonista, a abordagem da autora se fundamenta na teoria da *Estética da recepção*, constituída por R. Ingarden, completada posteriormente por H. Jauss e W. Iser. Seguindo esta metodologia, foram selecionados alguns poemas que podem ser utilizados para trabalhar a seguinte perspectiva temática: *a ressignificação do olhar sobre os territórios periféricos através da poesia*. Novamente ressaltamos que esta é apenas uma abordagem de perspectiva definida à nível de exemplificação, podendo os mesmos poemas serem abordados com outros olhares e temas.

Esta temática foi selecionada pensando principalmente em estudantes de escolas, ou mesmo moradores, de lugares periféricos, já que estes são numerosos no país e crescem, muitas vezes, estigmatizados por pertencerem a esses lugares. Além do conhecimento histórico e social promovido, a literatura marginal periférica tem o poder de sensibilizar os leitores em geral para olhar de maneira diferenciada para esses lugares de subalternidade social. A humanização que essa poesia promove pode fazer com que a periferia não seja mais um lugar associado no imaginário das pessoas à violência, criminalidade e outras catástrofes como definidoras deste espaço. Cada poeta traz no seu olhar uma dimensão especial de

percepção do seu território que o expande, que o coloca enquanto potência e lugar de memória e de afeto.

Através do seu poema *Para ver o sol raiando*, o poeta André Medulla (2019) aborda a valorização do seu lugar através dos aspectos naturais. Morador da cidade do Cabo de Santo Agostinho, região metropolitana de Pernambuco, o poeta marginal periférico poetiza e reflete sobre a sua realidade sem romantizá-la. Antes, ele busca dar rotas inteligentes de fuga da estagnação e da normalização, buscando na esperança a força necessária para lidar com as intempéries da vida:

Para ver o sol raiando

nunca estou pelo o que tenho vivido
 sem que seja intensamente
 a intensidade é que é meu carma
 tenho olhos para ver,
 ouvidos para ouvir,
 e os sentidos, quando não presentes, não somos nós que os criamos?
 sejamos solenes no passar dos anos,
 o peito só cala quando acinzentamos
 e há luz para tudo o que acreditamos
 inda que esperem que nos entregamos
 fodam-se os padrões desse mundo...
 nossa tez não é tudo
 desculpai nossa sede tamanha
 que encontra prazer no profano
 também acordamos
 levantamos para ver o sol raiando
 iluminados estaremos
 quando o contrário for sempre o veneno
 não negligenciaremos
 as causas que abraçaremos
 tanto correremos e tanto correremos
 quantos rolês recusaremos?

e quando nos faltar caminho, saídos do ninho,
 recordemos: sozinhos jamais estaremos
 entreguemos o verbo aos corvos
 e pelos escombros não esqueçamos de nós
 assinaremos tratados de fuga
 Exu nos acuda enquanto houver sol

Através de suas palavras, o poeta Medulla (2019) estabelece reflexões filosóficas que atravessam muitos cidadãos desses espaços, salientando de maneira primária a subjetividade por meio da vida que é guiada pelo o que se sente, e este sentir estando de maneira intensificada. Com versos que remetem ao subjetivismo também presente em Fernando Pessoa, o poeta traz suas reflexões filosóficas para

o cotidiano urbano, pensando em maneiras do sujeito ressignificar as suas experiências no mundo, através da esperança e no cultivo das belezas interiores, afinal, “o peito só cala quando acinzentamos”.

Esta visão engajada e sensível de tratar a realidade, mostra ser uma ótima reflexão para pensar, juntamente com os estudantes, sobre o lugar que eles ocupam no mundo e de que maneira a sua atitude frente as experiências que os acometem demonstram que eles estão agindo como protagonistas da situação. O poema não se isenta de observar os percalços da caminhada, afinal é preciso se levantar cedo, recusar alguns “rolês” e lidar com “escombros” que restam do ser quando a vida pesa. Todavia, Medulla (2019) protagoniza o potencial humano do indivíduo como superior a tudo isso quando propõe “tratados de fuga” dessa realidade mais dura, trazendo a resistência como possibilidade operante.

Algumas escolhas lexicais do poeta evidenciam a influência que a sua poética recebe: “rolê”, palavra da informalidade que remete a força da oralidade presente no poema; “fodam-se os padrões” como expressão da urbanidade nele e a referência a “Exu”, orixá africano, em que pode ser evidenciado a resistência do povo preto, que tantas vezes demonizado na sua cultura e práticas religiosas, entra como pensamento constituinte da ambientação promovida artisticamente.

A atitude do eu lírico de fugir dos padrões pré-estabelecidos por meio da preservação de sua subjetividade, também encontra reforço nos aspectos formais escolhidos por Medulla (2019). Seus versos livres, descomprometidos com uma métrica fixa, subvertem a ordem esperada até mesmo na construção de suas rimas, que acontecem de maneira interna, fugindo do convencional. Observemos a última estrofe:

e quando nos faltar **caminho (a)**, saídos do **ninho (a)**,
recordemos (b): **sozinhos (a)** jamais **estaremos (b)**
entreguemos (b) o verbo aos corvos
 e pelos escombros não esqueçamos de nós
assinaremos (b) tratados de **fuga (c)**
 Exu nos **acuda (c)** enquanto houver sol

Diferenciando-se dos padrões de rimas mais comuns, onde a semelhança sonora das palavras é estabelecida por meio daquelas que irão ocupar as posições finais dos versos, Medulla (2019) transgride essa ordem e complexifica o esquema de rimas (**a**, **b** e **c**) dissolvendo elas ao longo de toda estrutura da estrofe, sendo,

portanto, uma ótima oportunidade do professor de literatura explorar com seus alunos a musicalidade para além das formas regulares de construção sonora nos textos poéticos.

Faz-se notório a multiplicidade de sentidos que o poema abriga em si. Entre reflexões filosóficas, conselhos cotidianos e sabedoria ancestral, Medulla (2019) coloca como título uma parte do seu verso que merece destaque: “levantemos **para ver o sol raiando** / iluminados estaremos”. Entre as camadas que o poema apresenta, atentamo-nos para este verso. Por meio dele, o poeta reflete sobre duas coisas: a dureza da vida e as singularidades do cotidiano.

Ao dizer que se levanta cedo para ver o sol raiando, o eu poético do poema remete a rotina diária de muitos trabalhadores periféricos, que acordam cedo para começar mais um dia de trabalho. Todavia, há também um sentido de contemplação que fica evidente no verso seguinte, “iluminados estaremos”, evidenciando a força imagética do poema em valorizar as belezas naturais que existem dentro dos ambientes periféricos. Em sala de aula, o poema pode ser um convite para todas as reflexões que o autor traz e alinhando-se à temática, reforçar o olhar da ressignificação ao prescrutar no ambiente da periferia as belezas de seu espaço físico como primeiro elemento a ser ressignificado, fugindo da banalidade dos dias que trata como banal tudo que é belo.

O poema de Medulla (2019) caminha pela mesma perspectiva de olhar que a música *A ordem natural das coisas* do rapper Emicida, sendo um forte instrumento para trabalhar a temática por outra semiótica, dessa vez, pelos signos musicais. Assim como poema, a música de Emicida também explora a contemplação estética do ambiente da favela, unindo o elemento sol como reforço dessa pintura que na música se torna mais explícita ainda:

Anunciado no latir dos cães, no cantar dos galos
 Na calma das mães, que quer o rebento cem por cento
 E diz "leva o documento, Sam"
 Na São Paulo das manhã que tem lá seus Vietnã
 Na vela que o vento apaga, afaga quando passa
 A brasa dorme fria e só quem dança é a fumaça
 Orvalho é o pranto dessa planta no sereno
 A lua já 'tá no Japão, como esse mundo é pequeno
 Farelos de um sonho bobinho que a luz contorna (EMICIDA, 2019)

Repaginando de poesia os elementos do cotidiano como o latido dos cachorros, o som dos galos pela manhã e até mesmo a delicadeza de um orvalho, Emicida evoca a favela como um lugar de contemplação cheio de afeto, ainda que ela não esteja presente nos cartões postais de turismo do país. O “sol”, palavra de repetição no refrão que é cantado de maneira doce, entra no verso final destacado como uma luz que contorna o sonho de muitos cidadãos deste ambiente. Juntamente com a música, o poema delinea um momento para a sala de aula onde a poesia atravessa a contemplação estética de resistência, atrelado aos habitantes deste cenário e toda a beleza de suas subjetividades que constroem na poesia um espaço de orgulho e empoderamento sobre os espaços em que estão inseridos.

Assim como Medulla (2019), o rapper também promove sentidos com o seu esquema de rimas. Ele utiliza as semelhanças sonoras do final dos versos, mas também internaliza esse esquema dentro de todo o verso, denotando uma ordem na estrutura que dialoga com a música, que explora a ordem e a beleza dos ciclos diários:

Na São Paulo das **manhã (a)** que tem lá seus **Vietnã (a)**
Na vela que o vento **apaga (b)**, **afaga (b)** quando **passa (b)**

Como pode ser percebido, o esquema de rimas na música também irá acontecer de maneira interna, dialogando com os sentidos que a música estabelece em sua temática. Tanto o poema de Medulla (2019) quanto a música de Emicida, além das aproximações temáticas, possuem complexidades que devem ser apuradas por meio do olhar analítico que deve estar presente nas aulas de literatura, juntando a exploração dos sentidos construídos pelos autores alinhados com a engenhosidade estrutural que foi feita para que a significação pudesse acontecer da maneira que foi escolhida pelos artistas

A abordagem pedagógica e analítica dessas duas obras de arte passa pela exploração da temática pelo primeiro viés: *A resignificação do olhar sobre os territórios periféricos através da poesia – contemplação estética*. Pode ser explorado também, nessa primeira abordagem, o destaque que a estética periférica vem recebendo, desde roupas, adereços e até a própria imagem das periferias como pano de fundo para editoriais de moda e outros registros fotográficos.

Partindo para o segundo poema, apresentamos a mesma temática, agora sob outro ponto de vista: *A ressignificação do olhar sobre os territórios periféricos através da poesia – importância histórica*. Essa dimensão da história pode ser vista por duas vias: a história do lugar e a história do indivíduo com este espaço. Dizemos isto por saber que há um elo entre o lugar onde se vive, sendo este o cenário de suas experiências no mundo. Os afetos embalam as memórias e deixa viva no presente cada lembrança. O orgulho pelo lugar que a qual se pertence, pensando em territórios periféricos, atravessa essa necessidade de olhar para o seu espaço com o amor que as classes dominantes não oferecem.

Tratar dessa dimensão é de suma importância para o ensino-aprendizagem dos estudos, pois como questiona Perrenoud (1993): “Como ensinar uma sociedade que tem vergonha de si?” (p. 143). Ao trazer essa valorização histórica das periferias, é dado como oportunidade para os estudantes a possibilidade de olharem para a história do seu território como sendo um ponto de resistência para lutar por melhorias dentro dele. No nível individual, a autoestima desses sujeitos como cidadãos desses territórios podem ser melhoradas, gerando resultados positivos para a sua atuação escolar. Vejamos o poema:

Cidade Heróica

Rio Formoso, cidade heróica
monumento de glória e luz
teu passado tão escravocrata
que no prato do teu filho
falta o cuscuz.

cidade do tráfico sorrateiro
iguais as aparições dos ex's prefeitos
em outrora teu feito
foi vitória na Batalha do Reduto
onde 18 combate 600
e com garra elimina 300
hoje escuta os lamentos dos tiros
as facas ainda se arrastam no solo.
Rio Formoso, aquece teus filhos
além do sol fodido
eu imploro...

cuida dos teus bêbedos desolados
e das almas das crianças
estupradas nos matos
que foram arremessadas no mangue,
não permita que o podre pescador
as vejam e entrem em transe
achando que de onde vem o complemento da barriga vazia

ficou a insônia da noite mal dormida
e esquisita.

Rio Formoso, eu te amo
só porque te conheço desde nascer!
mesmo assim mataste meus irmãos
meus tios, minha esperança de infância
enquanto me assistia crescer
quase me convencesse que
maloqueiro bom era maloqueiro morto
Rio Formoso, tua comida de porco
que me fizeste comer...

quase me expulsou de casa
ou me trancafiou nela por medo
matasse jovens atrás de baias
fizesse inimigos ir à velórios
uns dos outros para garantir
se o trabalho mando não foi farsa
sacrificasse meu irmão as 18hrs
e só na virada da noite
trouxesse uma viatura com risos
e coração aliviado, claro
ali continha menos um bandido.

nos fins de semana
tem cerveja barata
no Bar de Braço
tem abraços na praça de alimentação
tem os meninos do pagode
tem a levada em peso
com a garrafa de Shkin na mão
tem alegria por trás de uma
cidade sofrida
mas em dia de festa
é proibido contar decepção.

ainda falta citar os quilombos
lendas e segredos
que deixaram meus antepassados
que sabem mais que plantar cana
e chorar sob à lama
da grande maré de maio.

O olhar do poeta Flor Que Brota da Lama (2021) é incisivo, crítico e não poupa a realidade de seus acontecimentos cruéis. Residente de Rio Formoso - distante 88 km da capital, Recife -, o poeta toca nas feridas sociais do seu ambiente e ainda assim, seu eu poético encontra espaço para achar algum fiapo de resistência, algo dentro do seu território com que possa se orgulhar. Para além dos crimes, das violências cotidianas e da falta de recursos, o poeta evoca a memória cultural e afetiva não para eufemizar o cenário cruel, mas para extrair alguma gota de resistência que apazigue o seu coração.

Ele começa enfatizando suas glórias do passado e logo após aciona no poema as mazelas do presente. Entretanto, um verso chama bastante atenção nessa descrição realista: “Rio Formoso, eu te amo / só porque te conheço desde nascer!”. Explorar essas significações encontra o aspecto do amor à sua localidade, que mesmo com todas as cicatrizes, merece esse afeto por ser o palco de suas vivências, dando mais uma razão para os estudantes apreciarem melhor os seus bairros. Esse é um aspecto muito importante de ser levado em consideração para trabalhar a temática, já que a estigma em cima desses locais resulta, nos indivíduos inseridos nele, uma espécie de vergonha ou inferiorização interna por se tratar de um espaço de subalternidade, lugar colocado desta maneira por outras determinações sociais.

O ritmo do poema apresenta uma aceleração de acontecimentos, remetendo às dinâmicas da vida cotidiana onde tudo acontece após uma outra coisa, à despeito de todos. Nos versos:

cidade do **tráfico** sorrateiro
iguais as **aparições** dos ex's prefeitos
em outrora teu feito
foi **vitória** na Batalha do Reduto
onde 18 combate 600
e com garra elimina 300
hoje **escuta** os lamentos dos tiros
as facas ainda se **arrastam** no solo.

A utilização das palavras que remetem acontecimentos no território, entre verbos e substantivos selecionados, constrói um fluxo de rapidez no poema que também está presente na rotina diária e corrida das pessoas que habitam nas periferias brasileiras. Isto pode ser percebido também neste trecho, onde os verbos representam acontecimentos do cotidiano que nem sempre são processados pelas pessoas que vivem nos entornos dessas problemáticas sociais:

quase me **expulsou** de casa
ou me **trancafiou** nela por medo
matasse jovens atrás de baias
fizesse inimigos ir à velórios
uns dos outros para **garantir**
se o trabalho mando não foi farsa
sacrificasse meu irmão as 18hrs

A abundância de verbos remonta a uma realidade cheia de acontecimentos trágicos, onde cada um é notado e guardado pelo olhar do eu poético e lançado à rosto de quem lê e do principal interlocutor dentro do texto: o município de Rio Formoso. Através de uma sintática destituída da sua ordem mais convencional, Flor Que Brota da Lama (2021) constrói um cenário por meio da abundância de verbos e traços da oralidade um discurso ressentido, marginal no seu lugar de enunciação e vivência, que confronta os males sociais do seu lugar. A partir dele, o professor pode trabalhar os efeitos de sentidos que as classes gramaticais e as escolhas lexicais constroem, inclusive, nos textos poéticos.

Logo após descrever o lado negativo, o poeta ressalta os pontos positivos, até como um meio de impulsionar a sua esperança na construção de um território mais ajustado. Nos versos “nos fins de semana / tem cerveja barata / no Bar de Braço / tem abraços na praça de alimentação”, a atenção se volta para as características próprias do seu lugar, pontos específicos, no qual as boas memórias foram construídas. É com ela também que o poeta encerra o seu poema, fazendo alusão à ancestralidade do seu lugar e aos mistérios.

Toda essa carga positiva acionada no texto pode ser um mecanismo na sala de aula para que o estudante também acesse os lugares afetivos dentro do seu território, o que pode ajudá-lo a valorizar a sua raiz. Um campo de futebol improvisado, uma praça, uma rua onde os amigos se reuniam pode ser um espaço na sua memória que o movimenta na construção de um país mais justo, pensando em forças motivadoras que ressignifiquem o seu olhar sobre o território, estreitando laços e gerando resistências políticas.

Os efeitos deste novo olhar sobre o território dentro desta perspectiva, assim como a anterior e a posterior, contribuem de maneira múltipla para a educação de indivíduos que se inserem nesses ambientes. Logo, a literatura marginal periférica se mostra como de resgate da dignidade dos espaços tidos como subalternos, o que atravessa também a maneira como os cidadãos desses lugares enxergam o território a qual pertence.

O poeta também dialoga com o seu contexto histórico quando no verso “quase me convencesse que / **maloqueiro bom era maloqueiro morto**” ele promove uma intertextualidade com o discurso popular enunciado pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (Partido Liberal) que popularizou o enunciado “bandido bom é bandido morto” como forma de transgressão dos direitos humanos que são

conferidos à todos os cidadãos. Flor Que Brota da Lama (2021) utiliza deste recurso linguístico para se opor a essa ideia, contextualizando-a como resultado de uma leitura deturpada da realidade, tornado a efetuação desta abordagem em sala de aula como um espaço propício para analisar a estreita relação entre a literatura e sociedade.

Uma forte aliada na complementação desta ideia a ser cultivada em sala de aula é a ponte com a música *País do sonho*, da cantora Elza Soares. Proveniente dos subúrbios cariocas, numa favela onde hoje está situada a Vila Vintém, a artista sempre usou a sua voz como válvula de transformação e denúncia social, sendo a canção selecionada um exemplo sutil disso. Na faixa, Elza Soares canta:

“Eu preciso encontrar um país
Onde a saúde não esteja doente
E eficiente, uma educação
Que possa formar cidadãos realmente

Eu preciso encontrar um país
Onde a corrupção não seja um hobby
Que não tenha injustiça, porém a justiça
Não ose condenar só negros e pobres

[...]

Eu preciso encontrar um país
Onde ser solidário seja um ato gentil
Eu prometo que vou encontrar
E esse país vai chamar-se Brasil” (ELZA SOARES, 2019)

Ao fazer a sua denúncia, a artista não canta e se lança fora da problemática. Ela se insere de maneira ativa, aliando-se nessa busca por um país mais justo, humano e solidário. A força dos seus versos nos leva a crer que essa busca não é passiva, antes, é atenta e bem direcionada, o que pode servir de exemplo para os estudantes contemplados pela proposta de abordagem.

Diferente do poema, a canção apresenta uma estrutura mais regular quanto à métrica e ao esquema de rima, características que obedecem a sentidos específicos: Elza promovendo a musicalidade por uma ordem métrica bem definida e ajustada, enquanto Flor Que Brota da Lama (2021) desobedece as padrões fixos de métrica e rima para evidenciar o caos que, por vezes, assombra o seu território.

Se no poema a história é percebida e passa pelo processo de resiliência, a música de Elza Soares convida para uma construção ativa desta história, pensando em todas as possibilidades que permitem que isto aconteça. As duas obras alinham-se como uma renovação de olhar sobre o território e sobre a atitude dos

estudantes frente a ele e todos os seus desafios. Tudo isso sendo construído através de uma utilização da estrutura interna dos gêneros textuais escolhidos pelos artistas, permeados de significados a serem analisados.

Por fim, a exploração temática e todos os seus desdobramentos se encerra por uma dimensão forte e que afeta diretamente a nossa história e lembranças: os afetos. Passando pela dimensão estética e histórica, a exploração final irá lançar o seu olhar para a seguinte perspectiva: *A resignificação do olhar sobre os territórios periféricos através da poesia – laços afetivos*. Por mais cruel que seja o mundo, todo mundo tem alguém na sua história que já o abrigou, alguém com quem viveu um momento marcante ou algo do tipo. As pessoas que habitam a periferia também são protagonistas dos afetos de outrem, deixando marcas que podem ser utilizadas de modo a construir uma resistência frente aos olhares que subalternizam esses lugares.

Esta exploração é mais uma justificativa para olhar o seu território de maneira mais sensível, afinal, lá também vivem pessoas importantes e que tornam aquele lugar especial. Diante disso, temos mais um poema que aborda os problemas presentes dentro da comunidade, todavia não deixando que estes determine-as, fazendo do afeto uma força ainda maior que a violência, o descaso e a invisibilidade. Longe do olhar ingênuo de achar que as opressões se cessarão ao lançar o ponto de vista sobre esses afetos, esta exploração coloca essas presenças internas como motivadoras para que as mudanças aconteçam. A literatura marginal periférica não se adequa à conformidade, seu olhar é sempre de protagonismo cidadão e a capacidade que eles têm de mudar as coisas à sua volta, das mais diversas e sutis maneiras que isto pode acontecer.

Pensando nisso, o poema de Luiz Amaik, cabense e conterrâneo do primeiro poeta, André Medulla (2019), é uma verificação daquilo que a parte final da temática selecionada se propõe a explorar. No poema, o poeta Amaik explora as cicatrizes do seu lugar, mas encerra de maneira a dar ênfase naquilo que motiva a sua resistência. Voz de denúncia e da inconformidade das pessoas de sua localidade, a literatura marginal periférica apresenta uma particularidade essencial para encerrar a abordagem temática. Vejamos:

O Cabo contado de verdade

Cabo de tantas belezas
 Das piscinas naturais
 Dos engenhos e manguezais de lá,
 Da Vila de Nazaré

Cabo que clama para o mundo
 O seu encanto profundo
 E gringo respira fundo
 Ao nesse chão pôr o pé

Cabo, cidade da morte
 O nosso povo daqui sofre
 A gente não tem suporte
 De vereador, nem prefeito

Cabo que chora de raiva
 Quando um filho seu sai de casa
 Bota sorriso na cara
 E leva tiro no peito

Cabo das belezas imortais
 Porém das mortes mais horríveis
 Cabo do povo calado
 Perdão, silenciado!
 Mas com pessoas incríveis.

Estamos diante de uma poesia que já circulou bastante entre os saraus e outras reuniões urbanas da juventude, que também já foi transmitida em *live* pela Prefeitura do Cabo de Santo Agostinho. A força da oralidade está presente na seleção e organização de palavras que se ampara na informalidade para contar as dores que atinge o poeta por conta de sua cidade. Isto pode ser verificado em construções que utiliza a variedade informal da língua, tal quais “E **gringo** respira fundo”, “**A gente não tem** suporte” e “**Bota** sorriso na cara” que aproximam a voz do poeta com a língua utilizada no dia-a-dia das pessoas, promovendo uma identificação do mesmo com os meios urbanos onde esta variação costuma acontecer com bastante frequência, remetendo ao uso popular da língua.

Entre os poemas, Amaik apresenta uma métrica mais definida, exibindo que as possibilidades estruturais de um texto da literatura marginal periférica podem variar, à depender da escolha artística e de significação do poeta. Suas rimas, localizadas nas sonoridades das palavras finais dos versos, mobilizam uma estrutura formal mais regular, todavia contendo as características principais deste tipo de literatura marginal: presença da oralidade, força ilocucional, traços da linguagem informal do cotidiano e as temáticas sobre o território.

Temos mais uma poesia que descreve os problemas sociais do seu lugar, mas que em um único verso, o final, arremata toda a possibilidade de esperança

para lutar ou guardar o seu lugar como um espaço de afeto em si: as pessoas. Se no primeiro momento tínhamos a capacidade de captar as belezas sutis do lugar, atrelado com o segundo poema que aborda sobre a história individual que cada lugar carrega juntamente com a sua própria história afetiva dentro desse espaço, a parte final evidencia os laços afetivos como possibilidade de ressignificar o olhar dos indivíduos frente aos espaços onde vivem.

Cada poeta que cantou sobre o seu território carrega algum tipo de afeto, ainda que ressentido, que é o que lhe faz ainda querer cantar sobre ele. A literatura marginal periférica é uma arte de denúncia, que assim o faz por se preocupar com a sua comunidade e propor algum tipo de atitude de mudança frente a ela, seja por meio da conscientização ou outras formas mais diretas. O que se pretende é a mudança por meio das palavras que possam quebrar outros paradigmas.

Para dialogar com o poema dando ênfase no seu eixo de exploração, a música *Gente* de Caetano Veloso estabelece uma ótima conexão para fortalecer as discussões e apreciações. A faixa também enfatiza o poder das pessoas, citando nomes que podem se referir a várias pessoas, acessando uma memória popular na qual os afetos e o direito sobre o povo protagonizam a lírica. Nos versos abaixo, o cantor baiano faz um jogo de sentidos interessantes:

Gente é muito bom
 Gente deve ser o bom
 Tem de se cuidar
 De se respeitar o bom
 Está certo dizer que estrelas estão no olhar
 De alguém que o amor te elegeu pra amar (CAETANO VELOSO, 1977)

Ao dizer que as estrelas, elementos físicos e de contemplação popular, estão no olhar de quem a gente ama, a música reforça aquilo que foi dito indiretamente pelo poema: a beleza está onde nossos afetos também estão. Pensar nessa perspectiva é mais um incentivo na luta por mudanças, na construção de um mundo melhor para as pessoas que amamos. Trabalhar estas obras em sala de aula é um projeto de esperança que pode revolucionar a mentalidade dos alunos.

O reforço afetivo da canção também vem acompanhada de uma forte resistência política, que entra em total consonância com o poema do poeta Amaik. Isto pode ser visto no verso: “Gente é pra brilhar / Não pra morrer de fome”, em que o autor não se perde na questão afetiva para deixar de lado as questões sociais e os

direitos dessa população. Ambas se encontram na linha tênue entre a percepção da realidade, apreciação e esperança para que ela se amplie e possa promover mais experiências positivas para as pessoas.

A presença dessas manifestações literárias cumpre com eficiência o seu papel de humanizar através da aproximação entre os estudantes e os ambientes periféricos, fazendo com que velhas narrativas sejam trocadas por outras mais atualizadas e contemplativas. A diversidade e características estruturais presentes nas poéticas destes lugares são, portanto, um ótimo instrumento para explorar as dimensões - sejam elas internas ou externas - dos textos literários e os efeitos de sentidos criados por elas, contribuindo tanto no construto de conhecimentos linguísticos e estéticos dos estudantes, quanto na percepção crítica e afetiva deles sobre as mais diversas realidades sociais.

5. Conclusão

A literatura marginal periférica é uma forte expressão de uma parte esquecida do país, possuindo riqueza poética, linguística e política suficientes para entrar na sala de aula como objeto de transformação e conscientização dos indivíduos. Resgatar essa presença em sala de aula é observar a literatura nacional em sua completude, sem deixar de lado as partes que se consideram subalternas, já que não deve haver hierarquia dentro dessas expressões artísticas. As expressões se unem e se complementam, não se rivalizam.

O que a literatura marginal preconiza em seus atos é a transformação por meio da palavra. Essas abordagens pedagógicas seguem pelo mesmo caminho, sendo esta transformação voltada para a postura desses cidadãos periféricos frente aos seus territórios, podendo ser aplicado ao público geral, já que a periferia deve ser respeitada e visualizada em toda a sua pluralidade, e isto é de responsabilidade de toda população brasileira.

Acessar a estes poemas e tantos outros dispostos pelo mundo, circulando por cada cidade, são caminhos que se inter cruzam e permitem outras explorações individuais e múltiplas. Ao lançar o olhar contemplativo e analítico sobre esse tipo de poesia, estamos promovendo uma humanização de tudo aquilo que ela irá abranger, de seus autores a seus lugares e a população que habita nela. Desta feita, a

literatura deixa de ser um capricho da classe dominante para ser um direito inalienável de todo o povo brasileiro.

As inovações e contribuições dos poetas apresentados possibilitam a apreciação literária por caminhos contemporâneos que atualizam o modo de criação e produção dos textos poéticos, assim como sua análise. De maneira engenhosa, com uma estrutura formal cheia de significações, os poetas marginais continuam usando a literatura como seu modo particular de intervenção no mundo, resultando em contribuições estéticas e sociais para todo aquele que se dispõe a apreciá-la.

Referências bibliográficas

ANTONIO, João. **Abraçado ao meu rancor**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51ª ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

_____. A escrita e os excluídos. In **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAETANO VELOSO. **Bicho**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1977. Disponível em: < [Gente \(Remixed Original Album\) - YouTube](#) >. Acesso em: 15 de abril de 2023.

CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades – Ouro sobre Azul, 2011.

CARVALHO, J. E. C. Imaginário e representações sociais. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 6 p. 25 – 33. 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2021.

ELZA SOARES. **Planeta Fome**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2019. Disponível em: < [Elza Soares - País do Sonho \(Audio\) - YouTube](#) >. Acesso em: 15 de abril de 2023.

EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: < [Emicida - Ordem Natural das Coisas part. Mc Tha \(Áudio oficial\) - YouTube](#) >. Acesso em: 15 de abril de 2023.

ESLAVA, Fernando V. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília: 24:35-51, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Dos sorrisos, dos silêncios e das falas**. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.). *Mulheres no Brasil: Resistência, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária -UFPB, 2009.

FERRÉZ. **Capão pecado**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.

_____. **Literatura Marginal: talentos da escrita periférica** (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FOCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde, 1960/1970**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

KOWARICK, Lúcio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LAMA, Flor que Brota da. **7 Caminhos**. Recife: Outra Fita, 2021.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal?**. 2ª ed. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, 1981.

MEDULLA, André. **Amarelo queimado**. 1ª ed. Cabo de Santo Agostinho: Gira editorial, 2019.

NASCIMENTO, Érica P. do. Por uma interpretação socioantropológica da nova literatura marginal. **Plural**, [S. l.], v. 12, p. 21-46, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75670>>. Acesso em: 6 maio. 2023.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PEREIRA, C. A. M. **Retrato de época: poesia marginal nos anos 70**. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1981.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

QUASE um terço dos brasileiros vive nas periferias urbanas. **Revista Fórum**, 30 mar., 2014. Disponível: <<https://www.ufjf.br/ladem/2014/03/31/quase-um-terco-dos-brasileiros-vive-nas-periferias-urbanas/>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SEGABINAZI, D. M. Aula de literatura: o imaginário coletivo sobre minorias e gêneros nas obras de ficção e nas leituras dos leitores. In: BARBOSA, Socorro (org.). **Ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade.** In: Ilha do Desterro, Florianópolis, n.51, pp.19-53, jul./dez., 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.